

## ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

COLLABORADORES DIVERSOS

Desterro, 1.º de Janeiro de 1888

## EXPEDIENTE

## Assignatura

Por mez . . . 500 rs.

PAGAMENTO ADIANTADO

## Publicação semanal

ESCRITORIO DA REDACÇÃO  
Rua de João Pinto n. 43

## CREPUSCULO

\* Desterro, 1.º de Janeiro de 1888.

Mais um anno passou, desap-  
pareceu nas azas do tempo.

A civilisação deo mais um  
passo no seo adiantamento no  
caracter social brasileiro, em-  
bora em alguns pontos do Im-  
perio tenha apparecido varias  
desordens por motivo da neces-  
sidade da abolição dos capti-  
vos.

Ao Governo compéte inçon-  
testavelmente, acabar de uma  
vez com este erro inveterado  
entre nós, contando em seo seio  
bem distinctas individualida-  
des que podem muito bem le-  
var ao espirito popular a mais  
completa, gloriosa e justa paz.

Nenhum homem sem duvi-  
da, desconhecerà os beneficios  
do trabalho livre e soberano,  
porém o interesse que é uma  
grande barreira para todas as  
reformas, oppõe a maior diffi-  
culdade que só o Governo pôde  
destruir.

Está mais que reconhecida a  
utilidade e conveniencia d'essa  
reforma, que collocará o nosso  
paiz a par dos mais civilizados  
do mundo, conquistando de to-  
das as nações cultas e adianta-  
das os mais significantes elo-  
gios.

O povo vio com entusiasmo  
erguerem-se no anno que fin-  
dou, as mais valentes intelli-  
gencias, em pról d'essa idéa  
que realisada vae ser a chave  
do nosso engrandecimento.

Em outros interesses geraes,  
como sejam a litteratura, a sci-  
encia e as artes não descurou o  
nosso paiz, sempre fadado para  
ser o primeiro do mundo.

A França, essa terra aben-  
çxada, patria de heróes, teve  
tambem no anno que findou  
bastantes revezes por motivo  
diametralmente opposto aquel-  
le que nos faz lastimar.

Parece á vista das injustiças  
e ingratições que tem-se dado  
com os seus maiores homens,  
que a republica é uma institui-  
ção que deve ser condemnada  
—tanto tem desmerecido uma  
parte do povo francez !!

O anno de 87 foi fecundo de  
revezes para a Patria de Tu-  
renne, e para o nosso Brazil  
por motivo da necessidade que  
já referimos, aquella no que  
mais ama, quer e estima, e este  
no que mais envergonha, o faz  
pequeno e odiado.

Permitta a Providencia que  
no momento, em que se conso-

lide a republica na patria de  
Napoleão, tambem o nosso Bra-  
zil, patria do invicto, Dantas e  
do incansavel Paulino, possa  
hastear bem alto o estandarte  
da liberdade, não contando  
mais em seo seio um só homem  
escravizado.

E' este o voto de todo o bra-  
zileiro.

Seríamos ingratos tratando  
dos acontecimentos do anno  
findo, não lembrarmos aos nos-  
sos leitores o estado melindroso  
de saude, em que esteve o nos-  
so monarcha.

Mocidade estudiosa, acom-  
panhando par a par o movi-  
mento do paiz, não podemos  
deixar de, considerando a mar-  
cha dos publicos negocios, le-  
vantar um brado de dôr, de sen-  
timento pela ausencia do nosso  
monarcha.

A instrucção que sempre me-  
receo de tão augusto persona-  
gem os maiores disvellos e sol-  
licitude, é o presente que um  
bom governo deve fazer pro-  
gressivamente aos seus gover-  
nados, tomando o exemplo da-  
quelle, cuja ausencia lastima-  
mos, e que tantos talentos e  
aptições aproveitou emquanto  
poude.

A instrucção é a unica luz sal-  
vadora dos povos. Só ella pode-  
rá levar á todas as classes so-  
ciaes a maior somma de bens  
possiveis. Só ella é a estrella  
guiadora, santelmo brilhante de  
todas as civilisações.

## O DIA DO ANNO NOVO

A' João Saldanha Gondim

## I

Vinha rompendo a manhã placidamente. O céu desenrolava o manto sereno e intimo d'um azulado-crepusculo, que abrilhantava toda a natureza.

## II

Na aldeia repicava o sino.

Oh! que dia sumptuoso. Ah! era o dia do—Anno novo!

— Não vamos então a missa? interrogava Ida a sua mãe.

— Sim, deixa cantar o gallo.

N'isto que Carlotta, sentava-se n'uma esteira que collocára ao lado de sua cabanazinha pauperrima, á ver deslumbrantemente romper a aurora; doce como um carinho, casta como a verdade, cantou tres vezes o gallo.

Então Ida e Carlotta já preparadas para a missa, dirigiram-se a igreja em cujo adro uma chusma de homens conversava, até que ouviram a voz penetrante da campainha, que costuma a annunciar a entrada da missa.

A igreja estava repleta de gente e ainda via-se solapadamente entre os copados e floridos arvoredos que cobriam as estradas, lindas raparigas morenas que se approximavam a igreja.

Traziam ellas, mettidas nos cabellos, encarnadas rosas, oh! como ficavam engraçadas!

O doce *frü* de seus vestidos brancos; brancos como o chrystal, murmurava baixinho. Quem as visse, julgaria estar contemplando um bando de mansas rollas, dir-se-hia que eram uns quantos anjinhos que tombaram alegremente do céu, a solfejar o psalmo do paraizo, a illusão da vida!

Entrou a missa.

Via-se toda classe de gente.

Aqui a pobreza, ali honestamente sorria a virtude e acolá; o que julgueis leitores que havia visto?!

— A ignominia, representada n'um traídor, que dia, á branca luz do sol que nos vem diariamente dar forças ao trabalho, anda míngoadado, melancolisado, implorando uma esmola, delacerando a paciencia humana,

cujo resultado serve-lhe para á noite, apresentar-se como um ricoço, forte, robusto, activo e até differenciando-se de outros que na verdade são—Pobres!

Acabada a missa—Ida a casta devota e Carlotta foram para a casa.

## III

O sol, o astro-rei como estava deslumbrante.

Que dia sublimatico, o dia do—Anno-novo!

Que dia pomposo, em que festejamos religiosamente a Circuncisão do Senhor!

Entretanto si houvesse alguém cuja alma boa e piedosa; se lembrasse ao menos que hoje é um dia glorioso e santificado para toda a humanidade, talvez que toda a escrava e paciente gente, não estivesse ainda ao estalo de lategos cortantes, aos golpes da escravidão e sim—Livre—ao menos em nome do—Senhor!

SABBAS COSTA.

## LITTERATURA

## UMA PAGINA DE GEORGE SAND

(TRADUCÇÃO)

Com o suor ardente de teu rosto ganharás, trabalhando, o pão da vida, para depois de longo e atroz desgosto terminares na morte a insana lida.

Estes quatro singellos versos, collocados por baixo de um quadro de Holbein, são de uma infinita tristeza e de uma profunda ingenuidade.

Agravura representa um lavrador conduzindo a charrua pelo meio de um campo que se estende a perder de vista e onde se destacam, aqui e além, perdidas n'aquella solidão immensa, algumas miseraveis choupanas.

O sol desaparece por traz de uma collina.

E' o fim de um dia de rude trabalho

O camponez é velho e musculoso e está coberto de farrapos. Magros e fracos são os quatro cavallos que

arrastam o instrumento, cuja relha difficilmente se enterra n'um solo pedregoso e rebelde.

Um unico ser ali mostra-se alegre e feliz no meio d'aquella scena de desolação: é um personagem phantastico, um esqueleto, que, armado de um azorrague, corre no sulco, ao lado dos cavallos amedrontados, e fustiga-os sem piedade, servindo assim de creado ao velho lavrador, é a morte, esse espectro horrivel, que o grande pintor introduziu allegoricamente na longa successão de seus quadros—ora philosophicos e religiosos, ora lugubres e chocarretos, intitulados — *Os simulacros da morte*.

N'essa colleção, ou, antes, n'essa vasta composição, em cujas paginas, uma por uma, a morte, representando o primeiro papel, é o pensamento dominante, a idéa soberana, Holbein apresenta-nos reis, imperadores, pontifices, amantes, jogadores, ebrios, frades, cortezas, salteadores, pobres, guerreiros, freiras, judeus, viajantes, finalmente, todo o mundo do seu tempo e do nosso. E por toda parte, e sempre, a morte escarnejando, ameaçando e triumphando.

Contemplemos o pobre Lazaro deitado á porta do rico, e dizendo que nada teme porquena nada tem a perder, por isso que a sua vida não passa de uma morte antecipada.

Será consoladôr este stóico pensamento do christianismo semi-pagão da renascença?

As almas verdadeiramente religiosas encontrarão n'elle o fim para que tendem?

O ambicioso, o ladrão, o tyranno, o devasso, todos esses soberbos peccadores que abusam da vida e que a morte traz suspensos pelos cabellos, hão de ser punidos sem duvida; mas o cego, o mendigo, o louco, o pobre camponez ficarão recompensados da sua longa miseria pela unica reflexão de que a morte não é um mal para elles?

Certamente que não.

Uma tristeza implacavel, uma horrorosa fatalidade pé-a sobre a obra do grande artista: uma especie de maldicção amarga lançada em um momento de desespero á sorte da humanidade inteira.

E no entretanto, elle não fez mais do que reproduzir a sociedade que desfilava diante de seus olhos, gol-

tejando por todos os póros o crime, deixando em cada pégada a desgraça.

Mas nós, artistas de outro seculo, o que deveremos pintar?

Procuraremos no pensamento da morte a remuneração futura da humanidade presente?

Invocaremos a morte como o castigo da injustiça e a recompensa do soffrimento?

Não; nada queremos com a fria soberana dos tumulos, com a implacavel destruidora da fé e da esperança, com a despotica rainha do esquecimento.

Precuraremos a vida, triste ou alegre, cheia de espinhos, ou tapetada de rosas, repleta de lagrimas, ou exuberante de canticos.

Nós não cremos no *nada* do tumulo, nem na salvação adquirida por uma renuncia forçada.

Queremos que a vida seja boa, para que seja fecunda.

E' preciso que Lazaró abandone a porta do riso, para que a pobreza não se rejubile com a morte da riqueza; é preciso que todos sejam felizes, para que a felicidade de alguns não seja uma felicidade criminosa e maldicta de Deus; é preciso que o lavrador que semeia o trigo, lembre-se de que trabalha para a obra da vida e não de que a morte lhe acompanha os passos; é preciso finalmente, que a morte não seja o castigo da prosperidade e a consolação da preguiça.

Deus não a destinou nem para punir nem para recompensar, porque Deus abençoou a vida, e o tumulo não deve ser um refugio para onde correm aquelles que não podem ser felizes.

N.

(Continúa).

## NOTICIARIO

### LYCEO DE ARTES E OFFICIOS

Teve lugar no dia 25 do passado, ao meio-dia, a distribuição de premios aos alumnos que mais se distinguiram nos exames prestados n'este estabelecimento.

Algumas pessoas, cujo digno respeito que gozam perante a sociedade, é elevado, fallaram n'este bri-

lhante momento, em prol da educação e do Lyceo; assim como saudaram ao Sr. João Maria Duarte, actual director, em exercicio e á muito honrada corporação docente, pelos apreciaveis serviços — que está prestando á mocidade Desterrense.

Grande era o numero de convidadas que assistio a esta esplendida festa.

N'uma das aulas, vimos um bando de desenhos expostos, os quaes, com a firme correcção da arte, estavam lindos. Tambem vimos o Musco, que paulatinamente vai augmentando, tendo já uma porção de objectos expostos, curiosos.

Findou esta grandiosa festa, ás 3 horas da tarde d'aquelle dia.

Mais outra vez, levantamos com todo o enthusiasmo, um bravo ao Lyceu e á sua digna corporação.

Agradecemos o convite, que a distincta directoria do Lyceo, nos obsequiou em enviar-nos afim de assistirmos aquella festa maravilhosa.

Por toda a proxima semana, a Empreza Litteraria Catharinense, dará a luz, á publicidade em fasciculos ao notavel e optimo romance original do celebre escriptor hespanhol D. João Valera, intitulado—**PEPITA JIMENEZ.**

Recommendamos portanto aos amaveis leitores, o celebre romance, pedindo-lhes que aproveitem a occasião em assignal-o, pois que nada perdem, visto ser uma obra boa, digna de ler-se escolhida especialmente pelo Sr. José Raposo director da Empreza.

Convictos pois, de que assim brilhantemente, possa a Empreza seguir avante a estrada da Luz, sem que encontre n'elle, que é tão viçosa, alguma barreira, damos outra vez as nossas saudações aos Srs. proprietarios.

**Tito Ramos**

Segundo nos consta, este nosso estimado conterraneo, alumno da Escola Militar de Porto-Alegre, que sahio approved nas materias do 1.º anno do curso superior, deve chegar brevemente afim de passar as ferias no seio de sua Exma. familia.

Parabens pois ao nobre conterra-

neo pelo desempenho brilhante da tarefa a que se dedicou e que continue a conquistar as maiores provas de optimo estudante é o que glorioosamente desejamos.

Chegou da Côte, no dia 30 do mez passado, no vapor *Rio Paraná*, o nosso distincto e sisudo amigo, o Sr. Francolino Olympio Cameu, a quem cumprimentamos.

## ERNESTO F. NUNES PIRES

### IBRANTINA

## SEGUNDA PARTE

### CAPITULO

#### II

Tendo Rosalina lido todas as cartas Ibrantina, abriu o involucre que cobria os outros papeis.

O primeiro que tirou era uma nota de firmas falsificadas. O segundo era outra nota de crimes praticado por Rogerio e escripta da seguinte maneira:

« 26 de Maio de 1850.

« Assassinei hontem meu pai e  
« minha mãe. Este apunhalado e  
« aquella envenenada, com o fim de  
« deshonrar minha irmã Margarida  
« o que fiz esta manhã, servindo-me  
« para isso de um narchotico ».

« 14 de Junho de 1850.

« Assassinei Magdalena de Castro  
« e deshonrei sua filha Lucinda. Ao  
« sahir da caza de Magdalena en-  
« contréi-me com seu marido Gui-  
« lherme de Castro, apunhalei-o ».

Em outro papel viu Rosalina a seguinte nota:

« 29 de Agosto de 1851.

« Deshonrei minha afilhada Rita  
« de 15 annos de idade e a envene-  
« nei ».

Rosalina a proporção que ia lendo estes documentos dobrava-os e guardava-os no seio, formando desde logo o projecto de vingar-se desse miseravel que abusára de sua boa fé.

Certa da infidelidade de Ibrantina quiz ao principio revellar tudo a Alfredo, mas reflectindo viu que melhor era esperar occasião mais opportuna para levar tudo ao irmão.

Assim passaram-se dous mezes de verdadeiro martyrio, até que afinal chegou a occasião da vingança como o leitor verá

III

O PROJECTO

A convalescença de Ibrantina foi rapida, pois ao quarto dia já estava sentada em uma rica conversadeira, na sala principal da casa, formando com seu marido o projecto do baptisado de sua loira filhinha que dormia em harmonioso «cradde».

Tratavam no momento que á vimos n'essa rica sala; da escolha de padrinhos.

Alfredo queria que fossem padrinhos Rogerio e Rosalina, e, Ibrantina oppunha-se ao convite de Rogerio dizendo que elle não accetaria.

— Qual a razão querida Ibrantina que não queres que eu convide Rogerio para padrinho de nossa filha? A quem é que devemos a nossa união?

— E' a elle sem duvida, disse Ibrantina, que devemos a nossa união; mas si eu opponho-mè a esse convite é porque... porque ha dias fallando-lhe a esse respeito, elle disse-me que tinha protestado não baptisar mais creança alguma, porque todos os seus afilhados morriam antes de completarem um anno, contudo convida-o e se elle accetiar terei grande prazer.

— Bem, tornou Alfredo, eu vou sahír e logo então trataremos disso. Até logo Ibrantina.

— Até logo Alfredo.

IV

— Bom dia Ibrantina, disse Rogerio no limiar da porta.

— Bom dia Rogerio. Como vae a tua feliz mulher?

— Ora como hade ir...levando dia e noite a chorar e queixando-se que eu lhe sou falço, quando tu sabes que eu sou um marido modelo.....

E como vae o pai de minha filha? Ainda não desconfiou de nada?

— Continuam as cousas da mesma maneira, mas temo que haja em

breve alguma tempestado aqui por casa.

— Como assim?

— Sim; porque Alfredo quer a todo trase convidar-te para padrinho de... sua filha...

— E tu o que lhe disseste?

— Disse-lhe que já tinha-te fallado a esse respeito, e que tu havias recusado o meu convite allegando que todos os teus afilhados têm morrido antes de completarem um anno... Elle contudo, insiste em convidar-te e para isso vae hoje a tua casa.

— Bem. Tenho uma ideia e vou pol-a em pratica.

— Qual é?

— Ali sobre aquella mesa ha papel, penna e tinta, senta-te e escreve o que eu dictar.

— Mas conta-me primeiro qual é o teu plano?...

— Escreve, e depois verás que o meu calculo é tão infalivel como são os calculos mathematicos. Estás prompta?

— Estou. Pódes dictar.

« Sr. Rogerio.

« Hoje fazendo o sorteio para ver a quem devia convidar para padrinho de minha filhinha, a sorte mostrou-me por tres vezes conse-

« cutivas o seu nome. Fiquei satisfeita e espero que attendera ao meu convite.

« Quanto a madrinha já deve saber que é a mania Rosalina,

« Sem mais respeito a cunhada

« Ibrantina ».

— Muito bem! Agora levanta-te que eu quero responder.

— Como vae responder?

— Verás.

« Respeitavel cunhada

« Acabo de receber seu bilhete e para não perder tempo respondo junto a elle. Sinto profundamente não attendêr seu convite, porque protestei não ser mais padrinho de creança alguma; visto todos os meus afilhados morrerem antes de completarem um anno.

« Não sei a que attribua esta infelicidade, e por isso é que recuso seu convite. Espero, que tanto a Sr.<sup>a</sup> como Alfredo não se enfadaram com o

« respectador, criado e cunhado

« Dr. Rogerio ».

(Continua).

# ADEUS

Adeus! Virginia, quantas horas quantas, de ti ausente, minha rubra flôr; placido gozo, de minh'alma crente, nos teus sorrisos, n'um feliz amor.

Adeus! Virginia, a romagem é grande é grande o amor e fagueira a espr'ança, d'esse futuro que anhelamos tanto de ti Virginia—eu terei—lembrança!

Adeus! Virginia, quando a tarde esquiva for descambando pelo azul dos cèus! pensa, formosa, te lembrando o nome do louco amante, que te diz—Adeus!

Ribeirão, 4 de Dezembro de 1887.

ERNESTO PIRES.

(Flôres sem perfume)

Typ. da Regeneração.